

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO**

**Melissa Felippin Meira**

**CONTOS DE FADAS: UMA POSSÍVEL FERRAMENTA DE  
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.**

São Paulo

2008

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO**

**Melissa Felippin Meira**

**CONTOS DE FADAS: UMA POSSÍVEL FERRAMENTA DE  
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.**

Monografia apresentada para obtenção do título de  
especialista *Latu Sensu* em Psicopedagogia-  
Clínica, da Universidade de Santo Amaro sob  
orientação da Prof<sup>a</sup> Ms. Flávia Teresa de Lima

São Paulo

2008

Agradeço aos professores do Curso de Pós Graduação de Psicopedagogia pelo incentivo e ensinamentos constantes no decorrer de todo esse tempo de estudo.

Dedico esta obra à minha mãe e familiares, pelo apoio e incentivo. À Mazinha que me ajudou a despertar este sonho adormecido e, em especial, a minha orientadora, professora Flávia Teresa de Lima, por me abrir o campo de visão para novos horizontes e me fazer sentir vontade de seguir este novo caminho.

Dentro de cada um de nós existem histórias maravilhosas que podem melhorar as nossas vidas e as vidas dos que vivem em nosso redor; histórias que evocam recordações que nos alegram e fazem sorrir ou que nos entristecem; histórias fabulosas que podem desafiar o intelecto; histórias magníficas à espera de sair cá para fora, se deixarmos. Agora, mais do que nunca, acredito que as histórias podem ajudar-nos a enfrentar as dificuldades da vida e contribuir para a nossa transformação numa sociedade melhor, numa humanidade melhor e num mundo melhor. Quando se conta uma história maravilhosa, a magia acontece.

Stuart Avery Gold  
Ping, uma rã à procura de um novo lago  
Lisboa, Editorial Presença, 2006

## SUMÁRIO

<b>1 RESUMO</b> .....	7
<b>2 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>Capítulo 1- Quem conta um conto</b> .....	11
1.1- Os contos como espelho do auto-conhecimento .....	11
1.2- Os Contos de Fadas .....	12
<b>Capítulo 2- O uso do conto na prática psicopedagógica</b> .....	17
2.1- O uso do conto na Psicopedagogia .....	17
2.2- A representação simbólica nos Contos de Fadas em ambiente psicopedagógico .....	20
2.3- A utilização dos Contos de Fadas na Caixa de Areia .....	23
2.4- Patinho Feio .....	24
2.5- Branca de Neve .....	25
2.4- Cinderela (Gata Borralheira) .....	28
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35

## RESUMO

Neste trabalho foi utilizado a pesquisa bibliográfica como metodologia de estudo, e teve como objetivo possibilitar uma nova interpretação e utilização dos Contos de Fadas no ambiente psicopedagógico, pois ao contar os contos às crianças, o profissional através de um trabalho de observação, escuta e intervenção, pode ajudar seus pacientes a falarem sobre suas alegrias e inquietações, valorizando os aspectos afetivos-cognitivos, mostrando o seu valor psicopedagógico e criando novas ferramentas para se trabalhar como os problemas apresentados na aprendizagem dos pacientes. Concluímos que esta é uma grande possibilidade de intervenção psicopedagógica, pois possibilita a criança entrar em um mundo de faz-de-conta, permitindo-a utilizar as representações simbólicas, manifestando o que a incomoda.

## INTRODUÇÃO

Será que é possível dizer onde começa a fantasia e acaba a realidade? Que memória nos atraiçoa? Que atos nos desmente? Sabemos como são importantes para o crescimento das crianças as histórias de fadas, com enredos em que a realidade e a fantasia convergem para um ponto de encontro e de compreensão, talvez para a compreensão de que o bom e o mau, o feio e o bonito, o certo e o errado são situações que vivem lado a lado.

Para Bettelheim (1980), o Conto de Fadas tem um efeito terapêutico na medida em que a criança encontra solução para suas dúvidas através da contemplação do que a história parece implicar, acerca dos seus conflitos pessoais nesse momento da vida. O Conto de Fadas não informa sobre questões do mundo exterior, mas sim sobre os processos que ocorrem no interior do sentir e do pensar.

As crianças entendem bem a linguagem dos símbolos dos contos. São elas que inventam no seu dia-a-dia o jogo simbólico do “faz de conta” e tantos outros que as distraem em tempos vividos entre a imaginação e a realidade.

Durante toda minha experiência profissional como educadora, bem como minha atuação no estágio de Psicopedagogia<sup>1</sup>, percebi que questões como o não sentir-se pertencente a um lugar ou condição, a rivalidade fraterna, questões sobre as transformações do corpo e da mente, assim como amor e ódio entre mãe e filha, aparecem com frequência nas angústias demonstradas pelos alunos e pacientes.

Com isso, questões me invadiram e me impulsionaram a pesquisar e a estudar o assunto. O Conto de Fadas pode ser instrumento facilitador no diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem? Pode ajudar na elaboração de questões internas que se manifestam como sintomas na aprendizagem?

Com isso, o objetivo deste trabalho é demonstrar que, no espaço terapêutico é possível oportunizar através do conto, o conhecimento de si mesma, do outro, do mundo que a cerca, do seu ambiente de vida, permitindo-lhe estabelecer relações entre o real e o imaginário, sendo um possível recurso para diagnóstico e tratamento dos distúrbios de aprendizagem.

<sup>1</sup>-Estágio em Psicopedagogia, realizado no Ambulatório Geral de Especialidades de Interlagos, nos anos de 2007 e 2008, como parte do curso de Pós Graduação de Psicopedagogia Clínica da Universidade de Santo Amaro.

Acredita-se que ouvindo histórias pode-se estabelecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas e para a compreensão do mundo, assim como, sentir emoções, possibilitando um conhecimento de si.

A criança usa a linguagem simbólica e a fantasia em várias situações de seu cotidiano, sendo esse um caminho importante e significativo para o trabalho do Psicopedagogo. Pensando nisso, acreditamos no trabalho com nos Contos de Fadas na prática Psicopedagoga, que trará contribuições na área emocional, nos relacionamentos familiares, na identificação, na superação de traumas e nos conflitos interiores. Tais conflitos podem ser um dos motivos ou o motivo para os problemas de aprendizagem.

No primeiro capítulo será abordado parte da teoria de Piaget (1975) e o desenvolvimento da função simbólica que ocorre paralelamente e de forma interdependente a construção das estruturas mentais da criança, através da imitação e do jogo simbólico. São manifestações de conteúdos inconscientes representadas de modo figurado.

A observação das representações simbólicas das questões inconscientes é importante possibilidade de trabalho para o Psicopedagogo, pois o paciente manifesta, por meio do simbolismo, as idéias, os conflitos e os desejos que ele próprio desconhece. Graças a essas manifestações, a criança irá, pouco a pouco, ampliando as relações sociais e a construção de estruturas da inteligência, de forma cada vez mais elaborada, para compreender a realidade que a cerca. Pensando nisso acredita-se ser importante à utilização dos Contos de Fadas para tais representações, pois sabemos que as histórias fazem parte do cotidiano da criança, em suas brincadeiras, que buscam elaborar suas angústias, conhecer o mundo e obter prazer.

As histórias infantis contribuem em ambiente psicopedagógico, para que a criança compreenda o que se passa à sua volta, permitindo, assim, a construção do real atuando como um espelho para seu auto-conhecimento.

Também será abordado o *mágico* recurso psicopedagógico; a caixa de areia e sua possibilidade de uso terapêutico.

No segundo capítulo, será abordado a possibilidade do uso do conto na prática Psicopedagógica, através da observação, da escuta e da intervenção. As histórias; O Patinho Feio, Branca de Neve e Cinderela, foram abordados devido à existência de ampla bibliografia sobre o tema, bem como o conteúdo rico, capaz de proporcionar diversas possibilidades de exploração. Dentre os autores lidos, escolhemos as interpretações psicanalíticas de Bruno Bettelheim, Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso como norteadoras de nossa reflexão.

Os contos populares e principalmente os contos escolhidos tratam de questões que dizem respeito ao humano. Falam de sentimentos humanos (inveja-gratidão, arrogância-humildade, amor-ódio, desprezo-respeito, coragem-medo) e valores humanos (honestidade-desonestidade, cordialidade-grosseria, justiça-injustiça, preguiça-presteza, mesquinhez-generosidade, transgressão-obediência). Referem-se a problemas inerentes ao desenvolvimento, tais como o afastamento em relação aos pais, a rejeição, a disputa entre irmãos e a responsabilidade de assumir compromissos.

## CAPÍTULO 1 – QUEM CONTA UM CONTO

### 1.1- Os contos como espelho do auto-conhecimento.

O conto é um espelho mágico no qual somos convidados a mergulhar, a fim de nos reconhecermos além da aparência.

Existe em cada um de nós uma princesa encantada, mas muitas vezes a achamos feia e repugnante, pois os nossos sentimentos reprimidos, que vivemos sob a forma de vergonha, inveja, cólera e desencorajamento, entre outros aparecem e não sabemos o que fazer com eles. Se aprendermos a ver esses instintos nesse espelho de verdade que são os contos, poderemos ver as verdadeiras belezas que moram em nós e que não se aquietam enquanto não são vistas de frente.

Essas princesas só têm um herói, nós mesmos. É a nós que compete libertar o nosso reino interior e a princesa belíssima que nos espera. É a parte mais íntima do nosso ser que encontramos no espelho dos contos e que nos conduz à libertação e ao desabrochar pleno. Existe uma identidade perfeita entre nós e o conto. O conto é a nossa história.

Somos feitos da mesma maneira que os contos são feitos e a função dos contos é fazer nos lembrar. O conto tem como função acordar a nossa verdade profunda, levar-nos a experimentá-la e a pô-la em movimento, a fim de que possamos harmonizá-la.

Devido ao poder e à simplicidade das suas imagens, são formas de nos ajudar a despertar e operam a diversos níveis da consciência e com isso os Contos de Fadas nos convidam a uma mudança miraculosa. Ao ouvir e analisar um conto, tomamos um atalho para o interior de nós mesmos, um trabalho de auto-conhecimento e de transformação.

Para Bettelheim (1980,p.20):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 1980, p.20).

Desde que compreendamos a sua mensagem, os contos podem conduzir-nos à nossa própria realização pessoal, apesar de todos os obstáculos, provas e frustrações. Os Contos de Fadas convidam-nos a viver a totalidade da realidade, visível e invisível.

As crianças sabem predispor-se instintivamente à escuta dos contos. Os adultos sentem uma maior dificuldade, por causa das barreiras mentais e dos juízos de valor que abafam frequentemente a emoção. Temos de nos colocar em sintonia com o conteúdo da história e seguir atentamente as mínimas peripécias, mesmo que nos pareçam incompreensíveis.

Quando o ouvimos pela primeira vez, o conto raramente nos transmite logo a sua mensagem. Esta aparece com sutileza e, lentamente, vai-nos iluminando por dentro, até se transformar num espelho de nós mesmos. Esta história é a nossa história e nós somos as personagens do conto. Cabe-nos a nós senti-las como aspectos de nós mesmos.

A fim de explorar e vivenciar a estrutura dos contos, propomos, no final deste estudo, um percurso pelos contos; O Patinho Feio, Branca de Neve e Cinderela, retirados do repertório de Andersen e dos irmãos Grimm, respectivamente.

Estes contos estão repartidos por chaves essenciais, chaves mágicas que nos permitem abrir o mundo maravilhoso do auto-conhecimento e realizar a mudança milagrosa. Estes contos não foram escolhidos ao acaso, pois ao tratarem de questões universais e comuns a todos os seres humanos, esses contos contribuem para o auto-conhecimento, a superação de conflitos inerentes ao crescimento e podem ser instrumentos para o crescimento da auto-estima, do respeito das individualidades, podem proporcionar às crianças meios de conhecer e perceber seus medos, seus traumas, suas limitações

## **1.2 - Os Contos de Fadas**

Segundo Vale (2001), os Contos de Fadas, como modelos de histórias destinados às crianças, surgiram na França, no final do século XVII, com a publicação da obra Os Contos da Mãe Gansa por Charles Perrault, a qual reuniu diversos contos populares que circulavam em seu país, naquela época.

Sua obra mais famosa é, sem dúvida, Chapeuzinho Vermelho. Posteriormente, os Irmãos Jacob e Grimm, na Alemanha, também reescreveram a mesma história com muitas características da versão de Perrault. No século XIX, lançam a coletânea de narrativas pertencentes ao folclore alemão, intitulada Contos de Fadas para crianças e adultos. Além de Chapeuzinho Vermelho, os Grimm escreveram Os sete anões, Branca de Neve e a Gata Borralheira, entre muitas outras.

No mesmo século, Hans Christian Andersen, poeta e romancista dinamarquês, publica contos recolhidos do folclore da Dinamarca; uma de suas publicações é O Patinho Feio.

Cadernatori (1995) também elenca outros autores que criaram clássicos, como: o italiano Collodi, com a obra de Pinóquio; o inglês Lewis Carrol, com Alice no País das Maravilhas; o americano Frank Baum, com O Mágico de Oz e a história de Peter Pan publicada pelo escocês James Barrie.

Coelho (1998) esclarece que os Contos de Fadas podem ou não contar com a presença de Fadas, sem, contudo, deixar de apresentar questões mágicas, e reis, rainhas, príncipes, princesas, bruxas, gigantes, anões entre outros. Um outro aspecto muito marcante diz respeito à possibilidade de apresentar sempre um tempo ou espaço indeterminados, fora da realidade conhecida; incluem-se, aqui, os enredos iniciais de muitas histórias como “Era uma vez, em um mundo muito distante...”, “Era uma vez, num castelo encantado...”.

Os Contos de Fadas possuem também como eixo gerador uma problemática existencial quanto à realização dos feitos do herói ou heroína, que podem estar sempre ligada à união homem-mulher, representada algumas vezes por situações em que jovens irão se casar, entre outras.

Bettelheim (1980) reafirma que “É característico nos Contos de Fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança apreender o problema em sua forma mais essencial, uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. Os Contos de Fadas simplifica as situações. Suas figuras são expostas claramente e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados.

Também é característica, nos Contos de Fadas, a existência de provas ou obstáculos que precisam ser vencidos ou ultrapassados partindo de um ritual inicial, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, a superação dos conflitos, seja pelo encontro do seu verdadeiro eu ou pelo encontro da princesa que representa o ideal a ser alcançado.

As idéias de Vale (2001) contribuem para a compreensão e importância desses conflitos baseados em seres mágicos. Os seres que atuam no universo dos Contos de Fadas podem ser crianças, jovens em idade de casar, príncipes, princesas, reis, rainhas, trabalhadores, anõezinhos, gigantes, duendes, fadas, bruxas e animais dotados de características humanas. Esses seres são considerados, tipos, pois se apresentam com virtudes ou defeitos exageradamente destacados. Assim, personificam o orgulho, a modéstia, a covardia, a feiúra, a beleza, a bondade, a maldade. Suas características evidenciam-se no desenvolvimento da trama e interferem no destino dos protagonistas, na medida em que o bem triunfa sobre o mal, a coragem sobre a covardia, o belo sobre o feio, a modéstia sobre a prepotência.

Os Contos de Fadas trazem contribuições ilimitadas e muito significativas para as crianças, pois envolvem a imaginação e o lúdico que lhes são característicos, permitindo-lhes fugir do real, ou seja, compreender que existem soluções mágicas, encantadas e inesperadas, as quais podem ser muito criativas, tanto as expressas pelas histórias, como pelas personagens.

Bettelheim (1980), demonstra como os Contos de Fadas fornecem contribuições significativas para as crianças, ajudando-as a lidar com os problemas psicológicos do crescimento e da integração de sua personalidade. Para o autor, os Contos de Fadas são textos ideais para as crianças, por conterem elementos capazes de despertar a curiosidade e a atenção, propiciando um convívio mais saudável com as questões emocionais.

Os contos trazem mensagens positivas contra as dificuldades da vida que são inevitáveis. Esse incentivo se traduz no sentido de a criança não se intimidar com os conflitos existentes, mas propicia analisar e resolver problemas que se passam com as personagens, identificando-se com as ações das mesmas, fornecendo valores morais ao apresentar o herói ou a heroína da história.

Busatto (2003), também afirma que os Contos de Fadas apresentam sempre uma situação a ser resolvida pelo herói ou heroína, geralmente sem nome próprio, sendo, muitas vezes, representados apenas pela princesa, rei, rainha, mãe, madrasta, bruxa entre outros. Quando as personagens apresentam nomes próprios, eles são comuns, evidenciando que qualquer criança poderia ser a personagem. Geralmente algumas personagens desaparecem, quando já cumpriram sua função narrativa.

Entretanto, a maior contribuição dos Contos de Fadas, segundo Bettelheim (1980), é no aspecto emocional, pois, a partir dos mesmos, a criança transpõe suas ansiedades, seus medos internos, busca força e entendimento para superá-los, aliviando as tensões e favorecendo a compreensão da vida real, a partir do fantástico e do lúdico. Assim é na história de João e Maria, em que são rejeitados pela madrasta e se vêem sozinhos, perdidos em um lugar estranho, tendo de enfrentar problemas inesperados.

Neste sentido, percebe-se que os contos utilizam uma linguagem simbólica do inconsciente, ou seja, falam diretamente à criança, sem intermediação de explicações, conselhos ou sermões; são as imagens que irão conversar com as bruxas ou monstros, com os medos que a assustam ou preocupam.

As crianças entendem a linguagem dos símbolos. Os lugares contidos nas histórias sugerem uma viagem ao interior da mente, ao domínio do inconsciente, pois são lugares imaginários, distantes e impossíveis de serem localizados.

Bettelheim (1980) contextualiza melhor esse enfoque ao ressaltar as proezas que o herói do conto executa, assim como derrotar gigantes, mudar de aparência ou possuir super poderes, entre outros. Quando a criança se identifica com o mesmo, transfere-se também à ela uma esperança de que os problemas têm solução, assim como as angústias, temores e inseguranças diante do mundo e de suas próprias experiências. No final da história, os heróis voltam à realidade, semelhante à vida cotidiana, através da qual a criança aprende a dominar sua vida e lidar com os seus próprios sentimentos. Ao expressar que os contos sempre têm um final feliz, um desfecho otimista, cuja evidência é expressa ao final da história “e viveram felizes para sempre”, conforta-se a criança, a qual crê que tudo pode ser superado e que, no final, a felicidade prevalece.

Dessa forma, percebe-se que a criança necessita da magia e do lúdico para compreender o mundo que a cerca, pois o ouvir história se torna um meio para compreender o que se passa à sua volta, para entender as características e necessidades da fase de desenvolvimento em que se encontra, bem como lidar com as emoções e sentimentos que a perturbam e que ainda não consegue definir.

Um dos propósitos dos Contos de Fadas é confrontar; outro é o de permitir que a criança vença sentimentos de absoluta desesperança, á medida que vivencia a história, sem, contudo, tomar conhecimento de suas lutas inconscientes.

Com sua forma simbólica, os contos sugerem à criança o significado das lutas para se conseguir uma auto-realização e garantir-lhe um final feliz.

O Conto de Fadas torna claro que fala de pessoas comuns, muito parecidas conosco. Os personagens não tem nomes, são apenas, o pai, a mãe, a madrasta, a princesa, o príncipe, ou, se os têm, são nomes comuns como João e Maria, facilitando as projeções e identificações.

Como os Contos de Fadas trazem conteúdos inconscientes, a criança consegue, de certa forma, distanciar-se do conteúdo de seu inconsciente para vê-lo como algo exterior a ela, conseguindo domínio sobre ele, e muitas vezes permitem transformar uma vida muitas vezes desagradável em outra que possa ser vivida até que a criança esteja em condições de elaborar ou mesmo sublimar seus conteúdos internos.

É bastante comum as próprias crianças procurarem os contos, desde que se abra uma pequena porta, o caminho dos Contos de Fadas contribuem para resolverem seus conflitos. O papel do Psicopedagogo é desvendar o caminho e abrir a porta, facilitando de alguma forma, a reflexão dos pacientes sobre seus conflitos, angústias e desejos.

## CAPÍTULO 2 – O USO DO CONTO NA PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA

### 2.1- O uso do conto na Psicopedagogia

A Psicopedagogia tem como objeto de estudo e trabalho a problemática da aprendizagem e todos os processos envolvidos nessa questão, por isso não se pode deixar de olhar o que está acontecendo entre a inteligência e os desejos inconscientes do sujeito.

As histórias infantis como referências simbólicas a essas questões inconscientes constituem um importante instrumento Psicopedagógico, uma vez que remetem ao sonho, à fantasia e iluminam o ser humano no que lhe é próprio: a capacidade de sonhar e simbolizar.

Andrade (1998, p.45), diz que:

O diagnóstico psicopedagógico não implica apenas na aplicação e uso de provas e testes, mas exige outras medidas e técnicas de avaliação, além do trabalho de investigação, análise e síntese de dados úteis para o estudo e a orientação de cada caso. (ANDRADE, 1998, p. 45)

Por isso, incorporar na prática Psicopedagógica os milenares e sábios Contos de Fadas pode tornar os atendimentos mais criativos, sérios e incisivos quanto ao resgate das dificuldades de aprendizagem.

A linguagem do simbólico, o universo das metáforas, a interpretação e a leitura que se faz desses conteúdos, contribuem imensamente tanto para o diagnóstico como para o tratamento Psicopedagógico, já que o conceito de aprendizagem com o qual trabalha a Psicopedagogia remete a uma visão de homem como sujeito ativo num processo de interação constante com o meio físico e social, interferindo nesse processo o seu equipamento biológico, suas condições afetivo-emocionais e intelectuais.

Os Contos de Fadas desenvolvem a capacidade de fantasia infantil e são para as crianças, o que há de mais real dentro delas. Enquanto diverte a criança, os contos a esclarecem sobre si mesma e favorecem o desenvolvimento da sua personalidade. Por isso, um conto trabalha o aspecto afetivo, psicológico e cognitivo.

Muitas vezes, uma criança chega ao atendimento Psicopedagógico com sua auto-estima abalada, com uma auto-percepção negativa, sendo papel do Psicopedagogo tentar

auxiliá-la a reestabelecer confiança em si mesma, em acreditar nas suas capacidades. Nessa questão, os Contos de Fadas podem auxiliar o profissional. Já citamos a importância e o impacto psicológico que eles causam a partir de sua estrutura fixa e, especialmente, com o final feliz que apresentam. Isso porque ao ouvir os relatos de personagens (com os quais a criança se identificou) que passaram por dificuldades e venceram, é mais fácil acreditar na sua própria vitória.

Sabemos que quanto mais infelizes e desesperados estamos, tanto mais necessitamos de ser capazes de nos envolvermos em fantasias otimistas. Embora a fantasia seja “irreal”, os bons sentimentos que ela nos dá sobre nós mesmos e nosso futuro são “reais”, e estes bons sentimentos reais são o que necessitamos para sustentar-nos (BETTELHEIM, 2000, p. 157).

O final feliz pode realmente contribuir para a formação de uma crença positiva na vida. No entanto, é preciso ressaltar a palavra contribuir, ou seja, nenhum conto fará isso sozinho. É importante deixar claro a importância do papel dos pais, professores e também o do Psicopedagogo mostrando confiança na criança e verdadeiramente ensinando-a a ter esperança no futuro. Isso será possível se a criança realmente se sentir acolhida, com olhares de encorajamento e aprovação.

No início da idade escolar, a criança está entrando na fase de latência<sup>3</sup>. Nessa fase, toda a energia da criança, que antes estava no aspecto sexual, envolvida nas questões edípicas, agora é sublimada e se volta com força para as coisas da escola, para a aprendizagem. Assim, o objeto de desejo é substituído pela busca do conhecimento.

A criança entra na fase de latência utilizando o mecanismo de sublimação, e a aprendizagem escolar pode vir a ser muito gratificante por ser compreendida por ela como forma de brincar e de reparar objetos internos (TINOCO, 1999, p. 25).

Portanto, a aprendizagem ocorre quando sublimamos, ou seja, quando transferimos um objeto de desejo para outro, no caso, o conhecimento.

Dessa forma, agora a aprendizagem escolar representa a oportunidade de resolver temores internos, o que fazia antes através da brincadeira.

---

<sup>3</sup> (FREUD, apud LIMA, 2000, p.54)- período de latência (6-12 anos de idade) surgimento de sentimentos de pudor e repugnância, a identificação com os pais, a intensificação das repressões e o desenvolvimento de sublimações.

Muitas crianças, mesmo sem déficit algum de inteligência, nenhum comprometimento neurológico podem apresentar dificuldades na escola quando passam, por exemplo, por conflitos familiares, que consomem sua energia ou a faz regredir ou se fixar em uma fase anterior de desenvolvimento.

Tinoco (1999, p.28) ressalta que a alfabetização pode ser bloqueada por conflitos internos da criança, relacionados com a não elaboração da situação Edipiana<sup>3</sup>.

Isso porque algumas habilidades importantes para a leitura e escrita estão relacionadas aos seus desejos edipianos, que ela quer sufocar, não sabendo como lidar com eles. Assim, se fecha também para as novas aprendizagens, o que também a tornaria mais forte, despertando o medo de ser igual ou superior ao pai (no caso dos meninos) ou à mãe (no caso das meninas). Por isto a aprendizagem escolar se dá por volta dos sete anos, com uma maturação neurofuncional própria desta idade e com a resolução do complexo de Édipo<sup>4</sup>.

De acordo com a psicanálise todos os aspectos da vida de um indivíduo não podem ser analisados separadamente, portanto, todos os acontecimentos de sua vida (desde mesmo durante a vida intra-uterina) influenciam direta ou indiretamente sua vida, o que estende à dinâmica escolar, na relação do sujeito com o conhecimento e tudo o que ele pressupõe.

Para que a aprendizagem aconteça de forma satisfatória, o indivíduo precisa abrir mão de uma fase da vida, para entrar em outra. Isso pressupõe crescimento, e crescimento pressupõe separações e perdas dolorosas, como a quebra da relação simbiótica com a mãe e elaborações de questões edipianas.

Simbolizar é sentir a perda. É olhar e substituir o objeto perdido por outro. Daí a importância do estudo da função simbólica na psicopedagogia, uma vez que, para que ocorra a aprendizagem é necessário perder um objeto para então ganhar e apropriar-se de outro. A vida também é uma troca. Quando substituímos, simbolizamos e então amadurecemos (LIMA, 2003, p. 28).

Além desse aspecto, podemos citar também a importância das conversas que são estabelecidas após cada conto. Ao se falar sobre o herói, seus problemas, suas dificuldades, a criança consegue entender e visualizar melhor seus próprios problemas. Isso porque é muito mais fácil e menos perigoso falar de problemas alheios. Desta maneira, acontece um encontro

---

<sup>3</sup> (FREUD, apud LIMA, 2000, p.30)- Situação que representa o momento em que a criança sai da condição de objeto de amor das figuras de pai e mãe para assumir sua posição de sujeito.

<sup>4</sup> (FREUD apud BARONE,1994,p.74) [...] o menino entre três e cinco anos, durante a fase fálica ama sexualmente sua mãe e por isso quer eliminar o pai, rival, que impede sua trajetória incestuosa em direção a ela.

com sentimentos dolorosos ou ameaçadores, mas de forma indireta e alternativa. Ela pode falar de sentimentos que são seus, projetando-os no personagem em questão.

Portanto, acreditamos que os Contos de Fadas podem ser aliados no diagnóstico bem como no acompanhamento Psicopedagógico, auxiliando o profissional a conhecer a criança com a qual trabalha.

A seguir será abordada a possibilidade de utilização dos contos Patinho Feio, Cinderela e Branca de Neve na prática psicopedagógica.

Estes contos não foram escolhidos não por serem melhores e nem tão mais importantes do que os outros, mas serão destacados, pois, durante toda minha experiência profissional como educadora, bem como minha atuação no estágio de Psicopedagogia, percebi que questões como o não sentir-se pertencente à um lugar ou condição, a rivalidade fraterna, questões sobre as transformações do corpo e da mente, assim como amor e ódio entre mãe e filha, aparecem com frequência nas angústias demonstradas pelos alunos e pacientes.

É bastante comum as próprias crianças procurarem os contos e desde que se abra uma pequena porta, o caminho dos Contos de Fadas contribuem para resolverem seus conflitos. O papel do Psicopedagogo é desvendar o caminho e abrir a porta, facilitando de alguma forma, a reflexão dos pacientes sobre seus conflitos, angústias e desejos.

## **2.2 - A representação simbólica nos Contos de Fadas em ambiente psicopedagógico.**

Por volta dos dois anos a criança apresenta avanços significativos em relação ao conhecimento de mundo, por meio do desenvolvimento de capacidades cognitivas, físicas e afetivas que permitem sua interação com diversas pessoas, objetos, situações e eventos. Piaget (1975) distingue esse período como sensório-motor, o qual se estende aproximadamente de zero aos dois anos. Esse período é extremamente importante, pois, à medida que a criança amadurece física e psicologicamente, sua organização mental lhe permitirá lidar com a realidade à sua volta e, portanto, atuar sobre ela. Essa interação com o meio físico e social propiciará a construção de sua inteligência.

Através da percepção, dos movimentos e de todo universo prático, a criança, na fase sensório-motora, irá organizar os estímulos ambientais por meio dos esquemas sensório-

motores, os quais permitem que ela tenha condições de lidar, de forma significativa, com a maioria das situações que lhe são apresentadas. Construirá também a noção do eu, ou seja, irá se distinguir como objeto dos demais existentes no exterior e de se colocar em relação a eles.

Ao final desse período, tem início uma nova capacidade muito significativa para a criança, a da representação, a qual utiliza meios simbólicos para referir-se às coisas ou às situações, sem a necessidade de atuar sobre elas de forma material, ou seja, é capaz de evocá-las, mentalmente, sem que estejam presentes, pois em suas experiências já constaram momentos em que os objetos somem e aparecem, compreende que o contexto em que vive de certa forma se conserva, se mantém, a partir daí ela começa a ousar mais, porque confia no retorno de pessoas e objetos. O reencontro com os objetos e pessoas é o grande gerador da representação simbólica.

Essa capacidade, segundo Piaget (1975), denomina-se função simbólica ou semiótica, a qual possibilita à criança representar significantes diferenciados de significados, constituindo-se em diversos tipos de conduta que são aparentemente diferentes, mas possuem, em comum, a utilização de algo para designar uma outra coisa. Essas manifestações são as imitações diferidas, o jogo simbólico, o desenho, as imagens mentais e a linguagem.

O jogo simbólico permite à criança, realizar um jogo de faz-de-conta, construindo símbolos e invenções que representam qualquer coisa que ela deseja. Nesta fase a criança já constrói seus pensamentos através dos símbolos utilizando de outros objetos para manifestar suas reais intenções.

Por meio do jogo simbólico, a criança pode reviver alegrias, conflitos, medos, compensando-os ao imaginar situações em que a realidade se transforma no que ela deseja. É desta forma que ela pode adaptar o real ao seu eu, transformando-o em função da sua vontade.

Todos esses aspectos apresentados vêm ao encontro das finalidades e contribuições do contar histórias para as crianças, com a possibilidade de desencadear todas as manifestações da Função Simbólica ao imitar as personagens, projetar suas representações em desenhos por meio das imagens mentais e conseqüentemente verbalizarem o que mais lhe agradou na história ou mesmo recontá-la a seu modo.

Piaget (1975, p.337) reafirma esta idéia ao expressar que:

O pensamento egocêntrico, na medida em que é assimilação ao eu, tende igualmente à satisfação e não à objetividade. A forma extrema dessa assimilação aos desejos e aos interesses próprios é o jogo simbólico ou jogo da imaginação, no qual o real é transformado de acordo com as necessidades

do eu, a tal ponto que os significados que o pensamento comporta podem ficar estritamente individuais e incomunicáveis. (PIAGET, 1975, p. 337)

Levando-se em consideração tais aspectos, é possível, com base nestas discussões, estabelecer a relação da Função Simbólica e o contar histórias para crianças, ressaltando a função do símbolo como possibilidade de expressão, representação e comunicação.

A criança quando já é capaz de participar desse jogo simbólico já consegue também, através das representações simbólicas, manifestar seus desejos, seus medos, seus traumas entre outros sentimentos que muitas vezes são desconhecidos pelos pacientes, por estarem em seu inconsciente. São as manifestações simbólicas as responsáveis pela inclusão do momento presente, do aqui e agora, na história de vida, com laços para o passado e o futuro; são elas que formam a consciência individual mantendo-a em contínua ligação com o inconsciente, construindo a identidade pessoal. Com a representação simbólica o sujeito se percebe como autor da sua própria história. Passando do fazer ao compreender, ao tomar consciência da forma como organiza a sua vida.

A psicanálise nos ensina que o homem é sujeito a uma ordem inconsciente e movido por desejos que desconhece.

Para Bettelheim (1980, p.16):

Na criança ou no adulto, o inconsciente é um determinante poderoso do comportamento. Quando o inconsciente está reprimido e nega-se a entrada de seu conteúdo na consciência, a mente consciente será parcialmente sobrepujada pelos derivativos destes elementos inconscientes [...] Mas quando o material inconsciente *tem* a permissão de vir a tona e ser trabalhado na imaginação, seus danos potenciais, para nós mesmos e para os outros, ficam muito reduzidos. (BETTELHEIM, 1980, p.16-17).

A observação das representações simbólicas das questões inconscientes é importante possibilidade de trabalho para o Psicopedagogo, pois o paciente manifesta, por meio de simbolismo, as idéias, os conflitos e os desejos desconhecidos por ele próprio.

Uma estratégia de intervenção na busca de manifestações inconscientes através da representação simbólica, é a Caixa de Areia ou Jogo de Areia, que será abordado a seguir.

### **2.3 – A utilização dos Contos de Fadas na caixa de areia.**

O método do Jogo de Areia ou caixa de areia pode ser utilizado nos atendimentos Psicopedagógicos, contribuindo para o desenvolvimento dos estágios de pensamento de crianças e adolescentes em um processo lúdico-terapêutico.

A palavra “Lúdico” significa “o ato de brincar”, palavra esta, que provém do antigo do latim “ludus”. O espaço da aprendizagem é o espaço lúdico. O trabalho lúdico-terapêutico, parte do desdobramento, ressignificando o ato de aprender.

Favorece a distinção e a relação entre o espaço subjetividade simbólica, espaço objetividade-lógico, a partir da estética.

Em relação ao método terapêutico da Caixa de Areia, mais conhecida como jogo de areia, AMMANN, (2004) ressalta que “este fora desenvolvido por Dora Kalff a partir do Jogo do Mundo, de Margareth Lowenfeldt, como também do teste do Mundo de Charlotte Buhler ou assim chamado – Método de Érica, utilizando no diagnóstico psiquiátrico infantil na Suécia há mais de 40 anos”.

O jogo de areia em um método baseado na criação prática e criativa na Caixa de Areia. Quem brinca nela, independente da faixa etária, cria várias imagens tridimensionais na areia, envolvendo-se nesse processo com corpo e alma.

De acordo com Kalff (1954), a dimensão física da caixa de areia possibilita ao paciente a liberdade para construir as cenas, conforme seu desejo. Seu tamanho e o número de miniaturas são limitados, mas permitem criar uma situação segura e protegida. A dimensão psicológica refere-se ao acolhimento, à aceitação e à proteção incondicional do paciente.

A caixa é retangular com medida padronizada (72 cm de comprimento x 50 cm de largura x 7,5 cm de profundidade). Estas medidas correspondem ao campo de visão de uma pessoa que se encontra em frente do maior lado da caixa. O fundo dela é forrado ou pintado internamente de azul, para quando a areia for afastada de uma parte do fundo da caixa, se tenha a impressão de ser o céu azul e o mar.

Paralelamente ao uso da caixa de areia, os participantes poderão realizar escolhas de miniaturas de objetos que representam o seu universo. Por exemplo, o universo do professor que represente a relação ensino-aprendizagem, livros, cadernos, lousa, mesa; o universo de uma criança como bicicleta, carrinhos, bonecos, bola, skate, computador entre outros.

As miniaturas do Jogo de areia são objetos diversos, figuras humanas, monstros, super-heróis, animais de várias espécies, anfíbios, répteis, mamíferos, insetos, aves, meios de

transportes, tipos de moradias, utensílios domésticos, alimentação e outros que representem a realidade do cotidiano.

Para Kalff (1954), as cenas elaboradas com as miniaturas por crianças e/ou adultos, são uma forma de representação contínua e prática com o consciente, comparável à série de sonhos ou à imaginação ativa que ocorrem no processo analítico. Segundo a autora, ela acredita que se faz necessário fazer o trabalho analítico simultaneamente à análise verbal e o Jogo de Areia.

Para ela, este método terapêutico dá a possibilidade de incluir o corpo, tão negligenciado na análise ou terapia.

O método da Caixa de Areia é lúdico, de fácil manuseio, não possui regras e permite, assim a observação, a experimentação e as questões abertas à criança, possibilitando a descrição do modo de pensamento e as estruturas mentais.

O Jogo de Areia, pelas suas próprias características de possuir cenários, miniaturas e favorecer a manipulação da areia, oferece condições de vivenciar e visualizar a realidade interna da criança expressa na construção dos seus cenários, possibilitando a percepção do desenvolvimento dos estágios de seu pensamento. Cada cena construída é uma ação assimilada, interiorizada pela criança, e relacionada às suas experiências anteriores.

## **2.4- O Patinho Feio**

Começaremos com este conto, pois retrata a fase inicial de qualquer ser humano, o nascimento. Acreditamos que muitas angústias podem ser geradas neste momento e de modo inconsciente são armazenadas.

O Patinho Feio é uma dessas histórias que nos oportunizam a falar da chegada da criança na família. Em ambiente Psicopedagógico acreditamos ser um excelente recurso para ser utilizado em casos que não “se encaixam na normalidade”. Casos de crianças com necessidades motoras ou educativas especiais, com síndromes ou até mesmo crianças que por algum motivo; seja pelo sexo que nasceu, pelas semelhanças ou falta de semelhanças físicas e emocionais com os pais, não atendem as expectativas de seus familiares.

Este conto agrada muito as crianças pequenas, pois não há dramas amorosos, nem bruxas vingativas ou fadas. Aliás, alguns negam que sejam Contos de Fadas, pois dizem que

faltam elementos mágicos, Bettelheim (1980), lhes negam essa característica, porque não há a luta dos heróis, vencendo as provações e encaminhando-se para a resolução de um conflito, itens que ele considera imprescindível para essa classificação. Para Corso (2006) o simples fato de ter uma família de ursos morando numa casinha na floresta, que dorme em camas, senta em cadeiras e come na tigela é o bastante para situar o leitor num território mágico. Se contarmos ainda com uma pata preocupada com a imagem da prole e com uma série de animais falantes no caminho de uma angustiada patinha, temos doses de fantástico suficientes para reivindicar a essas histórias algum lugar no mundo dos Contos de Fadas.

Ainda para Corso (2006), a jornada deste pequeno herói, o patinho, é mais interior do que exterior.

Hans Christian Andersen reinventou o conto de fadas para os novos tempos, fazendo do Patinho Feio, um dos primeiros heróis modernos escritos para crianças, seu drama baseia-se num persistente sentimento de rejeição. Andersen colocou também muitos conflitos emocionais modernos, incluindo o sofrimento subjetivo das personagens, recriando assim os Contos de Fadas para a necessidade dos novos tempos.

Posteriormente transcreveremos a história “O Patinho Feio” de Hans Christian Andersen, e poderemos observar que o “calvário” do cisne, que foi cair no ninho errado, é igual ao de todos nós. Para Corso (2006), a trama sintetiza duas fantasias assustadoras: uma dos pais, o medo de ter o filho trocado por outro, e a outra dos filhos de descobrirem que são adotados. E muitas vezes ainda nos vem o sentimento de que mesmo que sejamos nascidos da mesma mãe que nos amamentará e educará, ainda resta um vago e desagradável sentimento de ser o ovo errado no ninho errado. E muitas vezes entre o feto que cresce no ventre da mãe e o bebê que sai não é estabelecido uma identificação direta.

## **2.5 – Branca de Neve**

O primeiro livro sobre Branca de Neve lançado no Brasil contava a versão dos irmãos Grimm. Irmãos alemães lingüistas que viajavam pelo país para estudar sua língua. Durante a viagem ouviam histórias e as escreviam conforme ouviam.

Há também a versão de Perrault, porém a versão mais conhecida por nós é a dos irmãos Grimm.

Branca de Neve é um dos Contos de Fadas mais conhecidos, com várias narrações em diferentes línguas.

Os contos começam geralmente quando a vida da criança, de alguma maneira, chegou a um impasse. Porém em Branca de Neve desde o início há indícios e matérias a serem explorados.

O conto começa com o desejo da mãe biológica em ter uma filha branca como a neve, lábios vermelhos como sangue e cabelos negros como caixilho da janela.

Para Bettelheim (1981) a história propõe a resolver inocência sexual, brancura, constatada com o desejo sexual, simbolizado pelo sangue vermelho.

Seu desejo foi uma ordem e logo depois nasce Branca de Neve, correspondendo as expectativas da mãe, e como vimos com Patinho Feio, filho idealizado nunca nasce, restando aos filho real a batalha inglória de tentar se parecer com que ele supõe que esse ideal possa ser.

A mãe boa logo morre no parto que é bem certo, pois a mãe sempre ficará com a imagem boa, ficando isenta de sentimentos hostis, abandonando a cena rapidamente e a filha não precisará ser a que a mãe sempre sonhou, já que ela não será capaz de satisfazer plenamente o desejo da mãe.

Nos contos a mãe é representada ora pela madrasta, ora pela bruxa e Branca de Neve tem o azar de ter logo as duas que tem a perversidade retratada através do ódio e inveja sendo esse um divisor de águas. Quando ela descobre através do espelho mágico que não é a mais bela, manda sem rodeios matar Branca de Neve.

Podemos avaliar que o pai é representado ora pelo espelho mágico ora pelo caçador fiel da madrasta. Ambos vêem tudo o que acontece, porém, são subordinados e coniventes com a madrasta. Quando ela se sente ameaçada pela Branca de Neve pelo “amor do pai”, quer acabar com a rivalidade.

Quando a rainha consulta o espelho quanto a seu valor, a beleza-repete o tema antigo de Narciso, que só amava a si mesmo, de tal forma que foi tragado pelo auto-amor. Os pais narcisistas são o que se sentem ameaçados pelo crescimento da criança, pois isto significa estar envelhecendo.  
(BETTELHEIM, 1980, p.242).

Ainda para Bettelheim (1980) o narcisismo faz parte da configuração infantil e ela deve aprender a transcender esta forma perigosa de auto-envolvimento. O narcisismo de

Branca de Neve quase a destrói quando por duas vezes ela cede as seduções da madrasta que propõe deixá-la mais bonita, e a própria rainha e destruída pelo próprio narcisismo.

Na história de Branca de Neve, o pai caçador não consegue uma posição forte e definida. Não cumpre seu papel com a rainha e nem o de “pai” com Branca de Neve, não dando-lhe proteção e segurança, deixando-a sozinha na floresta.

Raiva e ódio duradouros em relação à mãe, são as conseqüências da ambivalência paterna, que em Branca de Neve são projetadas na rainha malvada, que, por isso, continua reaparecendo em sua vida.

[...] Se o pai, por natureza, não enfrenta suas obrigações, a vida da criança enquanto não corre um perigo direto, embora uma criança privada da proteção do pai precise lutar por si da melhor maneira possível. Por isso Branca de Neve tem de se defender sozinha quando é abandonada pelo caçador na floresta. (BETTELHEIM, 1980, p.245).

A princípio o conto relata que o conflito de Branca de Neve com a madrasta ocorre quando ela tem sete anos, o que pode demarcar a fase final da inocência infantil e começa uma outra de responsabilidade social, porém os acontecimentos do conto nos leva a crer que se trata de uma fase da adolescência, em que a criança amada e desejada, não existe mais e foi substituída por uma bela jovem.

Os sete anões entram na história para amparar Branca de Neve, dando-lhe casa e comida em troca de serviços domésticos. É interessante observar que neste caso eles são vistos como seres assexuados, o que é muito bom para Branca de Neve, ela fica sendo a dona da casa e não é a mulher de nenhum deles. Talvez a imagem dos anões nos remete a crianças com barbas, ou seja criança e velhos que representam um território fora do exercício sexual (antes e depois), deixando Branca de Neve despreocupada com sua beleza naquele ambiente.

Apesar dos avisos dos anões, Branca de Neve por três vezes é enganada pela madrasta/bruxa. A primeira com cordão para o espartilho que a apertava tanto que a sufoca, a segunda tentativa foi com um pente envenenado e por fim com a maçã vermelha também envenenada.

A madrasta usa destes recursos para seduzir Branca de Neve, pois são atrativos femininos como afinar a cintura, fazer um belo penteado e se mostrar disponível a ser amada.

Esta cena não é incomum no cotidiano de mães e filhas, pois ávida erótica da jovem é bem maior na fantasia da mãe do que a própria realidade. Mas esta história lembra que esse ensino também é acompanhado de rivalidade e de inveja pela mulher mais velha. Talvez essa seja a ordem da agressividade latente e da rivalidade sutil que permanece na relação das mulheres.

As maldades da madrasta no conto é uma prova de que para uma jovem a inveja de sua mãe não é necessariamente nociva. Ela traz à tona a confirmação de suas qualidades femininas e esta é uma posição diferente daquela mãe que enfeita a filha para sua própria glória. Fica a simbologia da criança rosada, com fitas e babados que deve “morrer” para que fique claro que agora só restou a jovem cujos atributos não se endereçam a mãe, mas sim a esse príncipe encantado de amor pela sua imagem.

A história de Branca de Neve nos ensina que alcançarmos a maturidade física não significa estarmos preparados emocionalmente ou intelectualmente para a vida adulta. São necessários tempo e um considerável crescimento para que o sujeito se torne maduro e forme sua nova personalidade.

A aprendizagem sobre o bem e o mal, obter conhecimento, parece dividir nossa personalidade ao meio: o caos vermelho de emoções desgovernadas, o id; é a pureza de nossa consciência, o superego. A medida que crescemos vacilamos entre o turbilhão do primeiro e a rigidez do segundo ( o cinto apertado, e a imobilidade forçada pelo caixão). A idade adulta só pode ser alcançada quando estas contradições internas são resolvidas e conseguimos um novo despertar do ego maduro, onde o vermelho e o branco coexistem harmoniosamente. (BETTELHEIM, 1980, p.253).

Estas histórias convencem o ouvinte de que não precisa ter medo de abandonar sua posição infantil de depender dos outros, porque depois de esforços perigosos da fase de transição aparece uma nova fase mais rica e feliz. Para Bettelheim (1980) , os que ficam presos ao estágio pré-edípico de desenvolvimento como os anões, não conhecerão nunca a felicidade do amor e do casamento. E os pais que, como a rainha, atualizam seus ciúmes edípicos quase destroem seus filhos e certamente se destróem.

## **2.6– Cinderela (Gata Borralheira)**

Ao nos referirmos ao conto Gata Borralheira, daremos preferência em chamá-la de Cinderela, por ser mais conhecido no Mundo Ocidental.

Ainda destacamos a importância de diversos autores, entre eles: Corso (2006) pois colocam que o conto, não deixa dúvidas ao leitor sendo a Cinderela – pura inocência, uma menina sem maldades.

Tudo que Cinderela passa com a sua meio família; isto é, a madrasta e suas meio-irmãs é o suficiente para explicar o que se sucede na trama, centralizando o conteúdo do conto: “a mãe, a madrasta e a madrinha” atribuições de diferentes papéis atribuídos à figura da mãe, a rivalidade materna, o valor da memória dos pais sobre a primeira infância, sedução e fetichismo no amor.

Hoje a versão mais divulgada em todo o mundo é a de Perrault (1697), seguida em popularidade pela versão dos irmãos Grimm (1812). Sendo apresentado à população infantil através dos desenhos animados de Walt Disney (1950), extraída de Perrault, como a história de Branca de Neve já mencionada; “uma órfã na garra da madrasta”. Só com mais um complemento; “duas irmãs megeras”.

Dando continuidade na análise entende-se que as versões de cinderela atualmente vem seguindo as concepções estéticas de Perrault, isto é, seguiu a risca as tradições orais daqueles contos que eram feitos pela população da época, “jogou fora” o que ele achou vulgar, como as insinuações sexuais, e deixou o conto exclusivamente infantil.

Na Cinderela de Perrault, temos as suas meio irmãs que abusam dela muito mais que em qualquer outra versão. E, mesmo assim, Cinderela as perdoa.

O pai de Cinderela por sua vez, apresenta um papel bem insignificante. Tudo o que se sabe, é que ele se casa pela segunda vez e de nada adiantava ela se queixar para o pai, o que quer que fosse porque mesmo, só dava ouvidos à esposa.

Também não se diz nada sobre a fada madrinha, apenas que surge de repente e não se sabe de onde, para oferecer à Cinderela, uma carruagem, cavalos e vestidos.

Mas, o mais importante que se consta em qualquer versão deste conto, é a mensagem que Cinderela nos traz: a de nos enganarmos quando nos iludimos da necessidade de nos pretermos em alguma coisa do mundo exterior, para se obter êxito na vida.

Isto é transmitido, quando surgem as meio-irmãs se esforçando inutilmente ao se preocuparem com suas vestimentas e até mesmo no esforço de seus pés caberem no sapatinho de cristal.

O conto na verdade, nos mostra a real importância de sermos verdadeiros como Cinderela, fato este difícil, porém não impossível.

Segundo Bettelheim (1980, p.297):

Isto está psicologicamente correto, porque a segurança interior e o sentimento de autovalor não requerem coisas exteriores se desenvolvemos a confiança básica – nem as coisas exteriores compensam se não alcançarmos a confiança básica durante a lactância. Os que infelizmente não conseguiram no início da vida podem conquistá-la, se puderem, apenas pelas

modificações na estrutura interna da mente e da personalidade, nunca pelas coisas que parecem boas (BETTELHEIM, 1980, p. 297).

Nos contos, as madrastas são sinônimas de mãe má, sendo reservado para elas os papéis de inveja, das colocações de entraves para que assim na adolescência cresça e se torne uma mulher (Cinderela).

Normalmente, os filhos observam que a preferência dos pais, e, principalmente da mãe, se dará sobre o filho que lhe aparecer mais dependente, mais carente.

Então as irmãs de Cinderela, não estavam bonitas aos olhos do príncipe, mas sim, aos olhos de sua mãe, com se elas estivessem sidas enfeitadas para irem a um aniversário infantil.

Diferentemente de Cinderela, o seu desejo era atrair o príncipe e conseqüentemente o seu objeto de desejo foi atraído de imediato. Cinderela deu o seu primeiro passo indo ao baile e tornou-se a jovem mais desejada entre tantas outras.

Mesmo sendo impedida de ir ao baile por diversos obstáculos e que sua madrasta colocava em seu tempo, Cinderela ainda ajudava suas irmãs.

Na seqüência aparece a Fada Madrinha ( que substituirá sua mãe) e a ajudará. Esta é a fase de luto, que Cinderela elabora.

Temos uma mãe biológica morta, um pai omissos, que segue as ordens de sua nova esposa, fielmente e acaba não enxergando o valor que sua filha tinha.

Corso (2006, p.113) diz:

Mas este altar, se consuma a fertilidade do pai ( o galho que brota) sobre o corpo da mãe ( a terra do túmulo) representado espiritualmente pelo pássaro e regado com saudade da filha. É um espaço culto aos pais perdidos e por isso idealizado – aqueles que foram tão poderosos de nos darem á vida e tão protetores a ponto de nos permitir que sobrevivêssemos a riscos e incapacidades da primeira infância, por isso, os pais da infância vivem apenas na memória. (CORSO, 2006, p.113).

A inveja da mãe é tão importante quanto o desejo do pai. Eles sinalizam que em casa a filha está se tornando um adulto e aproveitando-se da situação, a jovem se vê no direito de atrair “outros” olhares.

Pesquisando sobre relacionamento amoroso entre os homens, Freud encontrou casos típicos de como lidar com duas coisas tão distintas: “o amor e o desejo”.

Em certos casos de neuroses obsessivas certas pessoas fazem uma cisão entre o amor puro, elevado, espiritual e casto em contraponto a sua vida sexual carnal, desvalorizada, baixa e suja.

Neste caso é comum oscilar entre um amor celestial e um amor terreno. Mas esta relação entre a mulher santa e a mulher degradada, não é restrito a patologias, porque se encontram certa disposição à estas mulheres com estes critérios, em uma grande quantidade de homens.

Cinderela, no entanto, é uma mescla das duas mulheres, o que a torna possível então de ser amada e desejada. O fetichismo se dá pelo pé de Cinderela e a busca incansável do príncipe com o sapatinho de cristal. No qual, o sapato pode ser interpretado com um anel, algo que tenha um valor simbólico.

As orações de Cinderela junto à árvore, traduz as suas esperanças. Segundo Bettelheim (1980), o passarinho branco que parece junto às orações da Cinderela, é o mensageiro Eclesiastes; isto é o espírito da mãe, que o implantou na criança desde pequena, que lhe dará confiança básica. E em sua análise nos relata que estas passagens, as orações, o pássaro, a árvore, os galhos são de suma importância, já que, nos toca e respondemos, inconscientemente, a seu significado. Sendo mais significativa para uma criança, que começa a interiorizar o que os pais representam e significa à ela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos feitos da mesma maneira que os contos são feitos e a função dos contos é fazer nos lembrar. O conto tem como função acordar a nossa verdade profunda, levar-nos a experimentá-la e a pô-la em movimento, a fim de que possamos harmonizá-la. Nós somos o conto!

Os Contos de Fadas são recheados de tramas, personagens, conflitos, medos e angústias que se assemelham com o cotidiano de qualquer pessoa. A criança por sua vez encanta-se com este universo mágico e cheio de fantasia, sendo muito comum ela procurar e escolher dentre tantos outros títulos, este gênero literário.

Mas porque este universo causa tanta fascinação nas crianças?

Os Contos de Fadas possuem como eixo gerador uma problemática existencial quanto à realização dos feitos do herói ou heroína, que podem estar sempre ligada à união homem-mulher, representada algumas vezes por situações em que jovens irão se casar, entre outras.

Também é característica, nos Contos de Fadas, a existência de provas ou obstáculos que precisam ser vencidos ou ultrapassados partindo de um ritual inicial, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, a superação dos conflitos, seja pelo encontro do seu verdadeiro eu ou pelo encontro da princesa que representa o ideal a ser alcançado.

Bettelheim (1980) reafirma que “ É característico nos Contos de Fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança apreender o problema em sua forma mais essencial, uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. Os Contos de Fadas simplifica as situações. Suas figuras são expostas claramente e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados.

Os seres que atuam no universo dos Contos de Fadas podem ser crianças, jovens em idade de casar, príncipes, princesas, reis, rainhas, trabalhadores, anões, gigantes, duendes, fadas, bruxas e animais dotados de características humanas. Esses seres são considerados, tipos, pois se apresentam com virtudes ou defeitos exageradamente destacados. Assim, personificam o orgulho, a modéstia, a covardia, a feiúra, a beleza, a bondade, a maldade. Suas características evidenciam-se no desenvolvimento da trama e interferem no destino dos protagonistas, na medida em que o bem triunfa sobre o mal, a coragem sobre a covardia, o belo sobre o feio, a modéstia sobre a prepotência.

Realmente é fascinante...

Diante de tanto fascínio consideramos ser de fundamental importância a utilização dos Contos de Fadas como instrumento psicopedagógico, pois como vimos neste estudo, ao entrar em contato com os contos, as crianças entram em um mundo de faz -de -conta o que Piaget (1975) denomina de jogo simbólico permitindo à criança, construir símbolos e invenções que representam qualquer coisa que ela deseje.

A criança quando já é capaz de participar desse jogo simbólico já consegue também, através das representações simbólicas, manifestar seus desejos, seus medos, seus traumas entre outros sentimentos que muitas vezes são desconhecidos por estarem em seu inconsciente. São as manifestações simbólicas as responsáveis pela inclusão do momento presente, do aqui e agora, na história de vida, com laços para o passado e o futuro; são elas que formam a consciência individual mantendo-a em contínua ligação com o inconsciente, construindo a identidade pessoal.

Bettelheim (1980), demonstra como os Contos de Fadas fornecem contribuições significativas para as crianças, ajudando-as a lidar com os problemas psicológicos do crescimento e da integração de sua personalidade. Para o autor, os Contos de Fadas são textos ideais para as crianças, por conterem elementos capazes de despertar a curiosidade e a atenção, propiciando um convívio mais saudável com as questões emocionais.

Como os Contos de Fadas trazem conteúdos inconscientes, a criança consegue, de certa forma, distanciar-se do conteúdo de seu inconsciente para vê-lo como algo exterior a ela, conseguindo domínio sobre ele, e muitas vezes permitem transformar uma vida muitas vezes desagradável em outra que possa ser vivida até que a criança esteja em condições de elaborar ou mesmo sublimar seus conteúdos internos.

A psicanálise nos ensina que o homem é sujeito a uma ordem inconsciente e movido por desejos que desconhece. Pensamos valer a pena a utilização deste recurso, para que fatores inconscientes que impedem a criança em atendimento psicopedagógico avançar em seu tratamento, venham a tona através da representação simbólica.

A linguagem do simbólico, o universo das metáforas, a interpretação e a leitura que se faz desses conteúdos, contribuem imensamente tanto para o diagnóstico como para o tratamento Psicopedagógico, já que o conceito de aprendizagem com o qual trabalha a Psicopedagogia remete a uma visão de homem como sujeito ativo num processo de interação

constante com o meio físico e social, interferindo nesse processo o seu equipamento biológico, suas condições afetivo-emocionais e intelectuais.

Como já citamos anteriormente é bastante comum as próprias crianças procurarem os contos. Desde que se abra uma pequena porta, o caminho dos Contos de Fadas contribuem para resolverem seus conflitos. O papel do Psicopedagogo é desvendar o caminho e abrir a porta, facilitando de alguma forma, a reflexão dos pacientes sobre seus conflitos, angústias e desejos.

Portanto, acreditamos que os Contos de Fadas podem ser aliados no diagnóstico bem como no acompanhamento Psicopedagógico, auxiliando o profissional a conhecer a criança com a qual trabalha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMANN, Ruth. **A terapia dos Jogos de Areia: Imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade.** São Paulo: Paulus, 2002.
- ANDERSEN, Hans Christian. **O Patinho Feio.** Porto Alegre, Kuarup, 1993.  
(Coleção “Era uma vez...”)
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar pequenos segredos da narrativa.** Petropolis: Vozes, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.
- \_\_\_\_\_ **O Conto de Fadas.** São Paulo: Ática, 1998
- GILLIG, Jean Marie. **O conto na psicopedagogia.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- CORSO, Diana Lichtenstein.; CORSO, Mário. **Fadas no Divã – Psicanálise das histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GARMENDIA, Maria Cláudia de Camargo Nascimento. **O que contam os Contos de Fadas: possibilidades de uma análise num processo terapêutico.** São Paulo: Unisa, 2006.
- GRIMM, Jacob & Wilhelm. **Contos de Fadas.** Belo Horizonte: Villa Rica Editora Reunidas, 1994.
- LAURENTI, Roseli Bacili. **Psicopedagogia: um modelo fenomenológico.** São Paulo: Vetor, 2004.
- LAURENTI, Roseli Bacili. **Aprendizagem por meio da narrativa.** São Paulo: Vetor, 2006.
- LIMA, Tais Aparecida Costa. **A aplicação do Conto de Fadas: Branca de Neve no espaço Psicopedagógico.** São Paulo: Vetor, 2000.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PEGO, Márcia Goulart Tozzi. **A representação simbólica na clínica psicopedagógica.** São Paulo: Vetor, 2003.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso.** Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

VALE, Luiza Vilma Pires. Narrativas Infantis. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). **Literatura e alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001